

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

WILLIAM ROSLINDO PARANHOS

**A CONFISSÃO DE FÉ DAS IDENTIDADES TRANS DE BALNEÁRIO
CAMBORIÚ:
QUAL O REFLEXO DA VIVÊNCIA DO “DIVINO” NA CONSTRUÇÃO DE SUAS
SUBJETIVIDADES?**

Florianópolis

2016

WILLIAM ROSLINDO PARANHOS

**A CONFISSÃO DE FÉ DAS IDENTIDADES TRANS DE BALNEÁRIO
CAMBORIÚ:
QUAL O REFLEXO DA VIVÊNCIA DO “DIVINO” NA CONSTRUÇÃO DE SUAS
SUBJETIVIDADES?**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Prof. Dr. Rodrigo Moretti

Prof. Marcelo Vieira, Msc.

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PARANHOS, WILLIAM ROSLINDO
A CONFISSÃO DE FÉ DAS IDENTIDADES TRANS DE BALNEÁRIO
CAMBORIÚ: : QUAL O REFLEXO DA VIVÊNCIA DO "DIVINO" NA
CONSTRUÇÃO DE SUAS SUBJETIVIDADES? / WILLIAM ROSLINDO
PARANHOS ; orientador, RODRIGO MORETTI ; coorientador,
MARCELO VIEIRA. - Florianópolis, SC, 2016.
39 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Estudos de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.gênero. 3. sexualidades. 4. fenomenologia. 5.
educação. I. MORETTI, RODRIGO. II. VIEIRA, MARCELO. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Estudos de Gênero
e Diversidade na Escola. IV. Título.

WILLIAN ROSLINDO PARANHOS

**A CONFISSÃO DE FÉ DAS IDENTIDADES TRANS DE BALNEÁRIO
CAMBORIÚ: QUAL O REFLEXO DA VIVÊNCIA DO "DIVINO" NA
CONSTRUÇÃO DE SUAS SUBJETIVIDADES?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 10 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Tania Welter



Marie Anne Stival Pereira e Leal Lozano



Melissa Barbieri de Oliveira

*Primeiramente, FORA TEMER!
A cada gota de sangue derramada por ódio à
diversidade e pelo direito de amar.*

AGRADECIMENTOS

Ao cosmos, ao universo, à energia suprema que se faz presente todos os dias em minha existência.

À toda a comunidade LGBTQI, que resiste às violências, luta pelo amor e não perde a alegria em viver.

À Jesus Vilcério Candelot Paranhos, meu pai, onde quer que esteja, sabendo que é meu maior exemplo de força, garra, determinação e humildade. (*in memoriam*)

À minha rainha, mãe, e além de tudo, lésbica (amo essa parte)! Cristiane Roslindo, fostes tu que me proporcionou a graça das experimentações da vida, com a presença, sempre, de teu cuidado e proteção. Meu eterno amor.

Ao meu marido, companheiro, meu BBzão. Felipe André Runke, o grande responsável por me mostrar que as desconstruções nunca terminam. Obrigado pelo carinho e pela dedicação à nossa história de amor. Te vejo!

Maria Terezinha Roslindo. A mulher que me faz as palavras faltarem. Uma das mais heroicas feministas que conheço em vida. Vózinha estás em mim mais do que possas imaginar. Eternamente, amo-te.

À minha Dinda. Exemplo e superação te definem. Adriana Roslindo Machado, obrigado pela alegria, pelo sorriso, e pelo sempre pronto abraço que consola e conforta. Te amo. Poderia separá-las, mas prefiro não. Laura e Vitória, minhas irmãs. A juventude de vocês sempre foi mola propulsora para acreditar num amanhã melhor. Pra sempre estaremos juntxs.

Mayara Lutz e Marina Guebert. Irmãs do coração. Presentes que a vida me deu. Gratidão sempre eterna. Amo vocês.

À família.

Às/aos amigxs.

Às fofuras mais lindas que a UFSC possui, o GDE. Mestras e mestres agradeço pelas transformações ocorridas em minha existência, das quais vocês foram os mediadores. Malafaias, Felicianos, Cunhas, Bolsonaros, políticxs fundamentalistas, sociedade machista e patriarcal, igrejas, poderes, mídia, lembrem-se: quanto mais a massa apanha, mais ela cresce!

Meu ser estranho

Sou uma figura estranha no mundo
Há os que me rodeiam
Há os que me odeiam
Não compreendi a minha louca maneira de ser
Minha louca maneira de estar
Minha louca maneira de me importar
E não me importo com que todos pensem
Que todos falem
Com que todos acreditem
Eu sou aquilo que sou e isso me basta
Sou um ser que transcende
Um ser que aceita tudo e a todos
Um ser que olha o mundo de uma maneira mais colorida
De uma maneira mais performática
De uma maneira mais viva
Sou aquela/e que tem o poder de olhar o mundo sem preconceitos
Sou aquela/aquele que se dá o luxo de viver a vida de uma maneira leve
De uma maneira que enxerga a/o outra/o simplesmente como mais um ser
Sou aquelas ou aqueles
Sou elas ou eles
Sou tantos outros que queiram existir
Sou a pessoa que se dá o direito de ser, antes de tudo, feliz
Sou a pessoa que entendeu que mesmo o divino jamais julga
Porque estou inteira
Porque sou inteiro
Porque estou toda
Porque sou todo
Porque quero que o mundo seja composto de gente
De gente que não se define
De gente estranha como eu
Mas de gente que se aceite
De gente que viva
De gente que esteja
Gente que seja
Não me pergunte se sou ela
Não me questione se sou ele Simplesmente note o que tem dentro de mim
Tem alguém que quer ser
Independente do que for

(PARANHOS, William Roslindo)

RESUMO

Considerando-se o paradigma contemporâneo nacional na observância da crescente pauta da diversidade nos discursos religiosos de maneira negativa e, por outro lado, um crescente aumento de fiéis e “crentes” nas mais variadas denominações religiosas, esta pesquisa visou, através de entrevistas coletadas, analisar o fenômeno da participação das identidades que são a personificação do pecado – transexuais –, do Município de Balneário Camboriú/SC, dentro das práticas religiosas e/ou de suas relações com a espiritualidade, notando a maneira como o processo cultural, em que todos os indivíduos foram construídos, acaba por operar, também, nas subjetividades de transexuais que tendem à expressar-se num discurso/prática totalmente fora da operação normativa, bem como saber como se dá a vivência de cada entrevistado dentro de sua denominação religiosa e de que forma seu papel de gênero influencia ou não, negativamente ou positivamente, nesta relação, gerando sentimentos de culpa ou impenitência, frente às orientações doutrinárias. Na tentativa da coleta de informações, quanto mais subjetivas e singulares o possível, que cada participante poderia trazer optou-se pela utilização do método hermenêutico-fenomenológico de Heidegger que se baseia inteiramente na escuta e compreensão da essência do entrevistado, tendo-o como o centro do processo.

Palavras-chave: transexualidade; religião; fenomenologia; subjetividades; educação;

ABSTRACT

Considering the contemporary national paradigm in the observance of the growing pattern of diversity in religious discourses in a negative way and, on the other hand, a growing increase of believers and "believers" in the most varied religious denominations, this research aimed, through collected interviews, To analyze the phenomenon of the participation of the identities that are the personification of the sin - transsexuals - of the Municipality of Balneário Camboriú/SC, within the religious practices and/or their relations with spirituality, noting the way in which the cultural process, in which all The individuals have been constructed, it also operates in the subjectivities of transsexuals who tend to express themselves in a discourse/practice totally outside the normative operation, as well as to know how each interviewee lives within his/her religious denomination and How their gender role influences negatively or positively in this relationship, generating feelings of guilt or impenitence, in the face of doctrinal orientations. In the attempt to collect information, the more subjective and singular the possible that each participant could bring, the Heidegger's phenomenological-hermeneutic method was used, based entirely on listening and understanding of the essence of the interviewee center of the process.

Keywords: transsexuality; religion; phenomenology; subjectivities; education;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CID – Código Internacional de Doenças

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

LGBTQI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer* e Intersexuais

TRANS - Transexuais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	15
3.1 O Discurso Heteronormativo.....	15
3.2 As Identidades Transexuais.....	17
3.3 O Papel da Religião.....	20
4 METODOLOGIA.....	22
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	23
6 EDUCAÇÃO COMO A FONTE DAS DESCONSTRUÇÕES.....	30
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1. INTRODUÇÃO

Na atual sociedade brasileira, ser um transexual é ser um não-ser. Um não-ser é alguém que não é, institucionalmente falando. São seres que não constituem uma identidade socialmente reconhecida e legitimada, e sendo assim, são portadorxs de inúmeros estigmas, bem como, não detentores de direitos básicos. Entretanto, estas são identidades que apesar de toda esta violência de invisibilização, estão sim inseridas no contexto social e tem, a todo tempo, seus deveres cobrados.

Nos últimos anos, com os avanços das discussões sobre gênero e diversidades, tais sujeitos foram focalizados e definidos, por muitos setores conservadores, como a personificação e objetificação do desvio, da patologia e do pecado. Tendendo fugir às normativas patriarcais, machistas e capitalistas, trazem para si todo o peso daquilo que possa ser figurado como a expressão máxima do “desvio”.

Como seres que são, carregadxs de suas subjetividades e singularidades, estas mesmas identidades transitam por inúmeros setores sociais, dentre eles a religião. Nascidxs num estado “dito” laico tem também o direito de vivenciarem e expressarem sua espiritualidade da forma que lhe for conveniente, todavia sofrendo inúmeros tipos de agressão e marginalização por parte das variadas crenças, que baseiam seus discursos numa perspectiva biologicista e patologicista, defendendo a binaridade do sexo e a heteronormatividade como o fluxo normal da sexualidade humana.

Estes discursos de exclusão e ódio vêm abrangendo grandes proporções de fiéis e simpatizantes destas religiões, dando origem a uma estrondosa onda conservadora que propaga-se à passos largos no cenário nacional. Tais discursos servem de base para um aumento expressivo de violência contra identidades transexuais, colocando o Brasil em primeiro lugar no ranking mundial de violência contra transexuais.

Tal processo biologizante é descrito na literatura por Bourdieu (2014, p.33) tratando: “Sobre a diferença biológica: [...] condensa duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.” Desta feita, a proposta desta pesquisa é analisar os fatos que

levam tais identidades à, mesmo com toda a vivência das violências embebidas de um discurso religioso e fundamentalista, participarem ainda destas expressões e adotarem-nas como base de suas histórias de vida.

Sendo assim, torna-se também indispensável a discussão acerca do papel que a sociedade e a educação podem contribuir na desconstrução de tais discursos discriminatórios, baseados, inclusive, no mais puro preceito cristão ocidental: “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro. Se alguém afirmar: “Eu amo a Deus”, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (BÍBLIA, 1João 4:19-20).

A presente pesquisa aborda através do método hermenêutico fenomenológico de Heidegger a relação das identidades trans de Balneário Camboriú/SC com as religiões, bem como a maneira com seu contato com a espiritualização influencia, e de que forma, na construção de suas subjetividades. Para tanto, além das escutas com quatro identidades transexuais – três mulheres e um homem trans – realizou-se um diálogo junto à diversxs autorxs buscando o entendimento da influência do “divino” junto a seus processos de socialização e afirmação como um “ser” provindo de um “lugar”.

Num primeiro momento, a literatura auxiliou na construção de uma linearidade histórica, marcando o ambiente em que tais identidades estão inseridas, analisando os conceitos de heteronormatividade, transexualidade e religiosidade. Posteriormente, é explanado o método, que dispensa uma objetividade científica no que tange a realização de questões pré-elaboradas, focando na fluidez do discurso e a riqueza de informações que dele possam surgir.

Por fim, além da análise das entrevistas e seu atravessamento com o contexto histórico cultural, dá-se atenção especial às práticas educativas que vem passando por inúmeras discussões quanto às discussões da diversidade de gênero dentro do ambiente escolar, bem como a defesa de como tal prática pode auxiliar na afirmação destas identidades enquanto pessoas que (re) existem e que tem por *hábitus* uma tratativa com suas vivências de maneira desconstruída, modo pelo qual a sociedade deve afirmar respeito e entendimento, haja vista a expressão da integralidade subjetiva de um ser humano.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar de que maneira – positiva ou negativa – a vivência junto a instituições religiosas, por parte das identidades trans, influencia em sua vivência e expressão social.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Com base neste conceito os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Identificar praticantes/seguidoras de alguma denominação religiosa ou atea;
- Identificar quais denominações são frequentadas pelo grupo pesquisado;
- Destacar o processo de iniciação junto à determinada religião;
- Analisar o processo de resignificação das identidades por parte das religiões;
- Analisar as influências que os preceitos religiosos causam nas subjetividades do grupo pesquisado

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1. O DISCURSO HETERONORMATIVO

“E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a [...]. E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom; [...]”(BÍBLIA, 1991 – GÊNESIS, 1:27-28;31)

Reprodução e binarização. São estes os discursos contidos na base do paradigma ocidental cristão há alguns séculos. A bíblia, em muitos de seus trechos, deixa clara a normalização das sexualidades ao referir-se ao “homem” e à “mulher”, bem como na “invasão” de suas práticas sexuais, exigindo a multiplicação humana.

A partir daí criou-se um *modus operandi* baseado nas relações heterossexuais. Aparatos regulatórios foram, a todo instante, desenvolvendo-se na tentativa de reparar um possíveis danos causados à sociedade por parte daqueles que fossem desviantes destes preceitos, ou seja, da biologização do sexo, naturalizando o homem ligado ao órgão reprodutor masculino, e a mulher, ao órgão reprodutor feminino.

Tais atos regulatórios são fortemente intensificados no Séc. XVIII, em período próximo à Revolução Francesa, sendo que a partir de então, as violências ocultas e as normalizações começam a desvelar-se, assim como aponta Bourdieu:

“A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho[...] Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo estas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.”(BOURDIEU,2014, p.20)

Desta feita, estavam criadas, então, as normais sociais regulatórias de gênero, destacando a supremacia do papel masculino na sociedade, e toda a fragilidade e servidão da mulher, baseado no corpo sexuado. O gênero passa a ser uma categoria de análise social (SCOTT, 1990, p.7), que passa a conter, a partir de então, papel fundamental no sucesso de

um sistema que (re) produza e mantenha o poderio da elite garantido, tal qual problematiza Foucault (2014, p.40): [...] assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir a forma das relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora [...].”

Com o decorrer dos anos, as normas tornaram-se parte constituinte e integral da personalidade e subjetividade de homens e mulheres das mais variadas culturas e regiões. O simbolismo e as significações contidas no processo, o tornam ainda mais profícuo, sendo que atos e falas são repetidos e propagados a todo instante, contudo de maneira natural e normatizada.

A linearidade sexual e biológica é marcada, massivamente, desde os primórdios da constituição humana, antes mesmo de uma nova criança nascer e tornar-se parte integrante do convívio social que, de fato, o/a afetar:

“Podemos pensar que desde o nascimento se inicia o processo no qual a criança vai adquirindo pouco a pouco o sentimento de sua identidade. Ela começa um pouco antes, desde que o futuro bebê começa a existir na imaginação dos pais, no desejo de ter uma filha ou um filho. Ao seu nome ser escolhido, ela já tem uma identidade sexual e simbólica.” (LIPIANSKI *apud* LIMA, 2011, p. 168)

Tal identidade estruturar-se-á sob uma matriz heterossexual, regulada pela sociedade como um todo, fruto de um poder discursivo, porém perverso, que continua agindo na manutenção das identidades “úteis”, sendo que somente estas são configuradas como legítimas perante o contexto social. Butler explicita tal alinhamento:

“Na constituição dessa norma heterossexual, há a ideia de que algumas instâncias devem estar alinhadas, por exemplo, sexo, gênero, corpo e desejo, apresentando continuidade e complementaridade entre si. O gênero deveria estar em concordância cisnormativa com o sexo – as pessoas apenas poderiam ser legítimas a partir dessa suposta concordância, afinal o sexo biológico conservaria a essência da masculinidade e feminilidade – e o desejo deveria estar sempre heterossexualmente orientado, para a devida manutenção da função social da reprodutividade e da família como preservação de um modelo de moral social.” (BUTLER *apud* PRADO & TENÓRIO, 2016, p.48)

Em se tratando de tais aparatos regulatórios (FOUCAULT *apud* BUTLER, 2009, p.112) para se possa servir-se dos parâmetros da normalidade, as identidades encontram na religião uma das maiores propagadoras de tais estigmas. Como na análise do trecho bíblico, Silva (2015, p.47) transcorre pela mesma tangente, admitindo que trechos bíblicos, tais como supracitado, negam quaisquer outras formas de sexualidade e sua livre e singular expressão.

3.2. AS IDENTIDADES TRANSEXUAIS

Das identidades que mais expressam as desconstruções da epistemologia do corpo, as transexuais são as que mais se destacam pelo fato de decidirem marcar em seus corpos as discordâncias com a heteronormatividade e a binaridade do gênero socialmente construídas. Por esta razão, são as que, atualmente, mais sofrem com as violências, sejam elas das mais distintas tipificações.

Apesar de representarem o conjunto de um “não-ser”, fruto de sua fuga da normalidade, são também dotadxs de todos os capacitismos subjetivos que carrega qualquer outra identidade racional. Seus corpos são a expressão máxima do desejo de vivenciar a existência através de seu querer, independente das construções que, durante séculos, foram cultivadas sobre xs mesmxs.

Tal natureza é fruto de uma concepção filosófico platônico cristã, que tendia dividir corpo físico – matéria - e alma – subjetivo, mente – numa tentativa de analisar o ser humano de uma maneira segmentada, e não numa unidade integral, em seu processo de existência e na contemplação do mundo das ideias (ARANHA & MARTINS, 2003, p.311). Ponty, sobre o fenômeno do “existir”, assim entende:

“Há dois sentidos, e somente dois, da palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência. A experiência do corpo próprio pelo contrario nos revela um modo de existência ambíguo. Se tento pensá-lo como um feixe de processos na terceira pessoa – “visão”, “motricidade”, “sexualidade” – percebo que essas “funções” não podem estar unidas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade. [...] O corpo não é mais um objeto. [...] não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivendo-o.” (PONTY *apud* ARANHA & MARTINS, 2003, P.177)

Novas teorias e processos filosóficos surgem na tentativa de uma leitura totalitária das identidades, celebrando o fato de uma interligação entre corpo e mente: [...] a corrente da fenomenologia pretende superar a dicotomia corpo-consciência, desfazendo a hierarquização determinada pela visão platônico-cristã. (ARANHA & MARTINS, 2003, p.315). Toma-se, assim, a integralidade do ser como premissa básica para sua análise, numa perspectiva de que se é vivido àquilo que se sente e pensa.

Mulheres e homens transexuais, nesta leitura, passam a protagonizar o ápice deste processo, sendo que marcam em seus corpos, através das expressões de gênero, os mais

profundos desejos, prazeres e leituras que realizam sobre a corporeidade e suas relações com a sexualidade.

Apesar de sempre terem existido, sua visibilidade aumenta de forma massiva quando a ciência, através da medicina e seus mecanismos de controle, inicia um vasto processo de estudos na tentativa de regular e patologizar tais corpos e identidades. Cidade e Matos realizam um resgate terminológico histórico, que corrobora com tal pensamento:

“O debate nas teorias desenvolvimentistas esta atravessado pelo sentido do termo “gênero”, cunhado pelo psicólogo estadunidense John Money em 1955 (CASTEL, 2001; CIDADE, 2016), que surge como uma categoria para analisar as dimensões performadas pelos sujeitos a partir do desempenho de papéis sexuais, determinados pela diferença fundamental entre os “sexos”. Essa distinção entre “sexo” e “gênero” se faz necessária na medida em que a experiência de pessoas trans foi pautada no meio científico de forma mais evidente. Dois anos antes, em 1953, o médico e sexólogo britânico Harry Benjamin havia descrito um novo fenômeno científico: o fenômeno transexual (CASTEL, 2001; BENTO, 2008). Nesse contexto, a transexualidade passa a ser descrita como um fenômeno de desvio da experiência sexual humana e, portanto, psicopatológico, relacionado à descrição de sentimentos de repulsa e inadequação com relação à genitália. A pessoa trans, supostamente, estaria identificada com o sexo/gênero “oposto”, explicação esta que so é possível por conta da separação entre o “sexo psicológico”, ou seja, mental, e o “sexo morfológico”. (CIDADE & MATTOS, 2016, p.137)

Em 1980 a transexualidade passa a figurar, oficialmente, como doença, quando de sua inclusão no Código Internacional de Doenças – CID10. Naquele mesmo ano, a Associação de Psiquiatria Norte-Americana o inclui, também, na terceira edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM (BENTO & PELÚCIO, 2012, p.571) - o qual é mantido até hoje, com a reformulação diagnóstica para Transtorno de Disforia de Gênero.

A manutenção e tratativa da transexualidade em códigos médicos favorecem, em muito, os discursos fundamentalistas e conservadores, tornando-se arma poderosa haja vista uma construção de veracidade criada em torno da medicina. Por mais que se saiba, através de um *locus* também científico, da inexistência de uma comprovação de disfunções orgânicas e/ou genéticas em suas constituições, sua simples manutenção e discussão, nesta área do saber, já o tornam, suficientemente, concreto. Butler analisa tal figuração:

“A produção científica atual a respeito das questões de gênero e sexualidade construiu a ideia de que nosso sistema sociocultural configura uma matriz heterossexual binária compulsória que é uma convocatória a sociabilidade e que legitima de forma positiva as relações conjugais, heterossexuais e monogâmicas que respondem às exigências da reprodução biológica. Como consequência, todas as possibilidades de exercício da sexualidade e dos gêneros que escapam ao padrão heteronormativo passam a ser

consideradas ilegítimas, periféricas, anormais, ou com outra natureza.” (BUTLER *apud* PRADO & TENÓRIO, 2016, p.48)

A “coisificação” dos corpos segue a lógica fabril e capitalista, principais fontes da heteronormatividade, dotando-lhe de uma capacidade ampla o bastante para suportar a exploração desmedida, marginalizando as expressões de valores subjetivos – ética, sexualidade, sentimento, estética (ARANHA & MARTINS, 2003, p.318), perpetuados o tempo todo na sociedade atual, aceitos, porém, quando advindos das identidades normativas heterossexuais e cisgêneras.

3.3. O PAPEL DAS RELIGIÕES

Apesar de serem retratadas através de conceitos e explicações subjetivas, as religiões e a prática religiosa, conservadora ou não, possui explicações palpáveis e objetivas, que analisam o ato das expressões de fé por parte de milhões de fiéis por todo o mundo. Ciências como a filosofia, psicologia, sociologia e antropologia vêm, há tempos, debruçando-se sobre as possíveis explicações que rondam a crença no “divino”, sem que o mesmo possua nenhum traço substancial na matéria.

Assim como a sexualidade, ela possui atravessamentos, tanto positivos quanto negativos, dependendo de sua relação com o contexto social, que perpassam os entendimentos conscientes sobre tal, sendo desejo/prática/sentimento inculcado nos subjetivos de maneira, por vezes, inexplicável, tendenciando muitas das ações que as mais variadas identidades, sejam elas de quais forem em sua concepção histórica e cultural, venham à adotar. A etimologia do termo religião provém do verbo *religare* (*relegere* do latim), contemplando uma aliança com Deus, que busca reunir as dimensões platônicas do corpo e alma através de ritualísticas de dedicação a um culto (ARAÚJO & ARAGÃO *apud* TEIXEIRA *et al*, 2010, p.124).

A teoria lacaniana baseia-se nas relações mantidas através da perspectiva do gozo e da falta (LACAN, 1989). Tal modo de ação pode explicar a grande necessidade que a humanidade possui em estar, todo o tempo, saldando seus débitos para com algo inexistente, bem como, num análise histórica, do sentimento inculcado nas vivências de uma falta constante para com o sistema vigente (LACAN, 1978), colocando as identidades em débito recorrente. Assim sendo, a busca pelo perdão é evidenciada na maioria das práticas, sejam elas de grandes ou pequenas proporções – do perdão de uma ofensa à contensão de uma blasfêmia. Teixeira *et al* assim define:

“O termo religião é designado para representar um conjunto de crenças relacionadas ao que a humanidade considera como sagrado, divino e sobrenatural. Ortiz (2001) conceitua religião universal como sendo “as crenças...cuja compreensão do mundo propõe uma ética na qual o indivíduo escolheria, com maior ou menor grau de autoconsciência, o caminho de sua salvação.” (TEIXEIRA *et al*, 2010, p.124)

Há de se destacar uma diferenciação corrente no contexto do fenômeno religioso. Fruto de uma construção pautada nas relações sociais, as pessoas são levadas a expressarem sua fé à determinada crença religiosa que: “[...] constitui uma parte importante da cultura, dos

princípios e dos valores utilizados pelos clientes para dar forma a julgamentos e ao processamento de informações. A confirmação de suas crenças e inclinações perceptivas pode fornecer ordem e compreensão de eventos dolorosos, caóticos e imprevisíveis. (CARONE & BARONE *apud* PERES *et al*, 2007, p.137), sofrendo, porém, na contemporaneidade, algumas desconstruções, levando identidades à assumirem a prática da espiritualização como principal foco de elevação moral: “[...]religiosidade refere-se à adesão às crenças e às práticas relativas à instituição religiosa, enquanto espiritualidade é a relação de devoção de uma pessoa com um ser superior no qual ela acredita.” (TEIXEIRA *et al*, 2010, p.124)

Assim sendo, em tempos de uma frenética compulsão pelo consumo, com baixa na relação de pares, de quaisquer sejam os tipos, as crenças e práticas ligadas à espiritualidade representam uma maneira de religar as identidades, sejam elas entre si ou com o “divino”, entretanto sendo marcada, fortemente, como uma busca pessoal e subjetiva pela compreensão do sentido da vida, marcada pelos desprazeres e pela falta (LACAN), e pela manutenção de uma ligação direta com o sagrado e o divino (MOREIRA-ALMEIDA & KOENIG PERES *et al*, 2007, p.141), que diminuem as tensões vivenciadas baseando-se num sentimento de proteção e paz.

4. METODOLOGIA

Na tentativa de romper com as binaridades que normatizaram-se nos mais variados processos sociais, bem como aos enquadramentos e normas que regem os indivíduos, optou-se, na construção do presente, utilizar o método hermenêutico fenomenológico, que tende, segundo Ferreira (2009, p.144): “[...]descrever o que se mostra à consciência. [...] Esse procedimento permite a compreensão das coisas mesmas ou das essências.

Este método mostra-se como uma alternativa às padronizações das pesquisas científicas por conta do caráter essencialista que o mesmo incorpora, considerando a subjetividade e os signos como os aspectos centrais da análise, bem como à discussão de pressupostos naturalizados na ação humana (COLTRO, 2000, p.38).

Importante também frisar que o método considera, também, a subjetividade dx pesquisadorx, pelo fato de compreender esta relação intersubjetiva como indissociável, haja vista ser um encontro ocorrido entre indivíduos que carregam em seus discursos e pressupostos toda sua constituição histórica cultural. Heidegger, principal teórico do método, denomina, segundo Ferreira, esta relação como sendo de “pré-compreensão”, ao que segue:

“A “pré-compreensão” é um termo heideggeriano e remete a uma hermenêutica que não deixa de ser uma fenomenologia, mas que transforma essa fenomenologia acrescentando-lhe a interpretação prévia do mundo como uma condição positiva e constitutiva da compreensão. Essa interpretação nos conta que na lida com o mundo já estamos sempre em uma pré-compreensão daquilo que queremos conhecer. [...] O fenômeno se mostra sempre a partir da nossa pré-compreensão que se instaura na nossa própria lida com o mundo e que é condição de possibilidade da compreensão do sentido.” (FERREIRA, 2009, p.145)

Instaura-se uma lida direta com a vivência dx outrx, um processo de afetividade intersubjetiva entre as partes – pesquisadx e pesquisadx – não importando as noções objetivas, com as compreensões em sua totalidade (HUSSERL *apud* FERRERIRA, 2009, p.144). Surge aí um contexto metafórico heideggeriano, figurando por um “ [...] círculo representado por atividades que englobam a compreensão de fenômeno, a sua interpretação e, posteriormente, nova compreensão, voltando a se repetir. (COLTRO, 2000, p.40).

A proposta, tida muitas das vezes por exaustiva, haja vista sua intensa relação de (re) compreensão, dá-se numa reflexão constante e intermitente, que considera a importância, validade e finalidade de todos os questionamentos, indagações, projeções, vivências e respostas obtidas durante o processo.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação. (BÍBLIA, 1991 – LEVÍTICO, 18:22)

No que tange a cultura ocidental cristã, a maioria das identidades pertencentes a este círculo social foram inseridas e criadas em religiões do livro (CURY, 2004, p.188), com sua ampla maioria guiadas pela Bíblia. Fonte de muitas leituras, reflexões e análises, penitenciais ou não, esta escritura detém passagens, como a supracitada, que são a maior expressão da heteronormatividade, e aqui, exposta de maneira não velada.

A problematização central das entrevistas que seguem, pauta-se nesta relação criada entre identidades violentadas e meio violentador – religião – e/ou suas negações à prática da expressão de fé religiosa e desenvolvimento de uma espiritualização desconstruída, ligada somente ao supremo ou “divino”.

Também, através das exposições, deseja-se notar quão normatizados e incutidos estão os discursos religiosos até mesmo naquelas identidades que optam por sua não prática, comprovando o poder, por muitas das vezes opressor, que as instituições religiosas detêm, sendo que “essa postura pastoral propicia uma proliferação das falas que opera como uma verdadeira explosão discursiva.” (FOUCAULT *apud* NATIVIDADE, 2006, p.116).

A identidade dxs entrevistadx não será exposta, sendo que xs mesmxs estarão representadx pela letra inicial de seu primeiro nome: MS – espiritualista, AB – espiritualista, J – católica, N – umbandista.

O contato com a religião:

Antes do início deste, havia uma ideia formada de que, por se tratarem de identidades que se desconstroem em suas relações, seria difícil, ou talvez não seria encontrada, alguma que possuísse uma expressão de fé marcante e dominical. Entretanto J traz uma história de profunda relação com a doutrina Católica Apostólica Romana, sendo fiel representante de grande parcela da população brasileira.

“Sim, a gente é católica, minha mãe é católica, minha irmã é católica. A gente sempre costuma colocar a fé em primeiro lugar e eu acredito muito em questão de religião, de deus. Eu acho que deus tem que ser primeiramente na vida da gente, porque eu penso assim, às vezes as coisas não dão certo, mas sempre tem um motivo. Na hora a gente não tem a resposta, mas lá na frente a gente encontra a resposta. Então eu digo que tudo na vida da gente depende de deus. A gente tem que acreditar e ter fé, nunca desistir, e seguir em frente.” (J)

Por outro lado, mostra-se desde o princípio a relação sistemática que as religiões querem propor para com xs entrevistadxs. Assim como Simone de Beauvoir expressou em sua emblemática frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (2009, p.9), utiliza-se da mesma na formação das identidades trans: não se nasce, torna-se, constrói-se, desconstrói-se ao longo da existência, e neste processo fica marcado o desvio à norma por parte das identidades trans.

“Fiz catequese forçada, porque era aquele “sisteminha”. Eu fiz a catequese e dali eu já tava revoltada com tudo aquilo também e disse “não, eu não quero fazer mais não”. (MS)

“E de religião, eu sempre acreditei em deus, eu até frequentei a igreja evangélica, mas sabe quando tu não se encaixa? Porque eles dizem que é pecado, porque tu é oprimido, eles dizem que tá errado, que tu vai pro inferno e tal, e daí eu saí, eu não tava frequentando nada.” (N)

O gozo e a falta:

Lacan (1989) marca presença na maioria das religiões através da teoria do gozo e a falta. Nota-se, paulatinamente, nos discursos, que as crenças religiosas tem grande influência no modo em que as pessoas lidam com seus traumas – faltas – promovendo um sentimento de afago – gozo – através de uma aprendizagem positiva e um ampara para superação das dores (PERES *et al*, 2007, p.137).

“Na verdade depois que a minha mãe adoeceu, ano passado, tu começa a ter outra ideia das coisas, entendeu? Acho que comecei a ter outra percepção. Porque realmente, naquele momento minha mãe ficou no hospital um mês e pouco com uma doença bem grave e em momento nenhum eu me peguei rezando, nada. A única coisa que eu lembro que eu pedia, que eu falava muito, era que eu não tava preparada se acontecesse algo do pior.” (MS)

Ao vivenciar momentos críticos, é nato dos seres a busca por um poder sagrado que possa resignificar suas existências, dando um sentido e explicação ao seu sofrimento (TEIXEIRA *et al*, 2010, p.127), justificando momentos que, aparentemente, parecem ser injustificáveis. Neste momento, num recorte voltado às identidades trans, nota-se o início de um distanciamento da prática religiosa em si, e um apego ao “divino”, que, por mais desconstruído que seja, carrega a característica de bondade: “Louvai ao Senhor, porque ele é bom [...]” (BÍBLIA, 1991 – SALMOS, 118:1).

“Mais ou menos, assim, porque eles sempre ficavam com aquelas piadinhas e tal, porque eu nunca consegui me encaixar realmente num padrão de gênero, e daí sofri com piadinhas e tal, e daí oravam por mim. E depois eu fui pra católica. E também sofri preconceito na católica. [...]E daí eu parei de ir também. Por que pra que eu vou ir num lugar que a gente não é aceito? Eu acho que deus aceita a gente como a gente é.” (N)

Governabilidade dos corpos:

O controle dos corpos e a endemonização de suas mutações é aspecto latente que surge nas falas das identidades entrevistadas. É instaurado e propagado o discurso do pecado frente às atitudes de transexualidade ocorrente, sendo corroborados, ainda, pelos poderes médicos e jurídicos, que possuem práticas que impedem quaisquer que sejam as expressões de identificação com o gênero por parte dxs transexuais. N, filhx de uma mãe religiosa, demonstra este ato de violência contra seu desejo na sua fala:

“Minha mãe quis morrer, disse: “Ah, eu to fazendo luto de filha viva”, e eu continuei, persistindo, lutando, e consegui sair. Uma coisa mais marcante é que antes de eu me assumir, eu tinha vergonha do meu corpo, eu tinha vergonha de como eu era, eu não conseguia passar na frente das pessoas, eu passava pelo lado de trás da quadra pra ninguém me ver. Eu era uma pessoa super introvertida, e a partir do momento em que eu me assumi eu comecei a fazer amizades, a passar em tudo quanto é lugar, e tacar o foda-se mesmo, sabe? E por mais que tenha muito preconceito e tal, hoje eu sou bem mais feliz do que eu era.” (N)

Adota-se o termo violência pelo fato da invasão que as religiões operam sobre a decisão da mudança e transformação de algo que pertence, primeiramente, às próprias identidades: “[...] o corpo é o primeiro momento da experiência humana. E antes de ser um “ser que conhece”, o sujeito é um “ser que vive e sente”, que é a maneira de participar, com o corpo, do conjunto da realidade.” (ARANHA & MARTINS, 2003, p.315).

A religião e sua relação com a Heterocisnormatividade:

O mecanismo de controle pautado no biológico, é somente um dos aspectos que auxiliam e propagam a prática da heterocisnormatividade, ou seja, de uma linearidade que deve ser presente nas existências, corpóreas e subjetivas, de todas as pessoas dotadas de uma “normalidade”. De acordo com Musskopf:

*“A moral religiosa, principalmente, a moral cristã, consolidou a ideia de que o corpo do indivíduo, principalmente a sua sexualidade, deve se adequar a um sistema preexistente por meio da culpa e vergonha da intimidade, e aqueles que não se enquadram nos estereótipos eram pecadores excluídos do convívio social, criando-se uma fobia generalizada em razão do diferente.” (MUSSKOPF *apud* MARTINS, 2014, p.1596)*

“Eu fiz catequese e na época eu tinha um comportamento feminino, mas me vestia de menino e eu não tive nenhum problema com isso, com catequistas, com nada, nenhum problema. Eu até então, quando não tinha feito minha retificação de registro, batizei meu primo, sou... na verdade era padrinho, né? Agora eu não sei como que fica isso, eu nunca discuti essa situação com a minha prima. Mas eu cheguei a batizar ele. Eu sempre tive relação com a religião, assim, sabe? (J)

Esta marca do corpo é tão presente que, por vezes, põe em questão a própria identificação dxs transexuais. Tais atos acabam por demonstrar “de que forma o controle dos corpos, por determinados sistemas políticos e ideológicos, resiste, e como determinadas tradições religiosas em especial têm servido de canal para esse controle.” (MUSSKOPF *apud* MARTINS, 2014, p.1596). N relata os sofrimentos oriundos deste processo de normatização:

“E assim, eu sempre soube que era diferente, e na infância, como não tinha esse conhecimento, eles me chamavam de machorra, sapatão, vários pejorativos, até que na sexta série eu sofre bullying com isso e tudo e eu tentei me adaptar com que a sociedade padrão chamava de... Que eu tinha que ser menina e tal, pra ser aceito na sociedade, pra ter amigos, só que isso foi me deixando infeliz, eu entrei em depressão. Eu roubava cueca do meu pai escondido, enfim, só que a coisa que mais me marcou foi quando, sabe naquela fase da puberdade, que você ta descobrindo seu corpo e se masturbando e tal, eu só conseguia sentir prazer se eu me imaginasse no corpo de um menino, se eu imaginasse que eu tinha um pinto ali, uma coisa do corpo de menino. E daí eu comecei a descobrir, só que eu não me aceitava, porque eu cresci numa família que era super tradicional, evangélica, preconceituosa com tudo, racista, homofóbica, machista, transfóbica, sabe? Eu cresci num lar muito opressor.”(N)

Tal discurso que liga sexo, desejo e corpo, através de uma heterossexualidade compulsória, fixa “raízes” na formação da personalidade, inclusive destxs indivíduos que são a personificação da desconstrução e do não segmento de regras sociais ligadas ao sexo e à sexualidade. Nota-se que a biologização dos corpos e do sexo se faz presente na fala de umx dxs entrevistadxs, J, quando da tentativa de explicar seu processo de transexualização. Aranha & Martins desconstroem esta visão da biologia atrelada ao sexo e desconectada da integralidade do ser.

“Eu nunca me culpei por isso. Eu sempre tentei procurar porque que eu era assim. Por que disso? E depois eu descobri que a transexualidade, quando gera o feto, primeiro forma o físico masculino, e depois o cérebro tem uma alta dose de estrogênio, e aí o cérebro se transforma em feminino. Então, eu levo esse entendimento pra minha vida, sabe? Eu nunca vou me culpar por isso, vou me sentir pecadora por isso.” (J)

Também a sexualidade não deve ser vista como atividade puramente biológica, separada do homem integral. [...] Na verdade a sexualidade é parte integrante do ser total e não apenas a expressão do corpo biológico ou o resultado exclusivo do funcionamento glandular. Ela é a expressão do ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o mundo e com o outro. É uma linguagem que será tanto mais humana quanto mais pessoal for. (ARANHA & MARTINS, 2003, p.316)

Há dificuldade por parte de inúmeras identidades de assumir seu próprio querer como explicação, se é que tal processo necessite de uma, para a adoção da transexualidade. X entrevistadxs, apesar de não ver-se como pecadorx, mesmo sendo seguidorx da Igreja Católica, utiliza do discurso biológico na tentativa de um entendimento que não afronte nem o contexto social, nem religião.

O pecado como dispositivo heterocisnormativo também pode se faz presente no *módus operandi* dos segmentos religiosos “[...] uma vez que a experiência religiosa é constituída por três dimensões distintas: identidade ou pertencimento, adesão, experiência ou crença; e, em um terceiro plano, o *ethos* religioso, como disposição ética ou comportamental.” (DUARTE *apud* NATIVIDADE, 2005, p.128), “amaldiçoando” àquelxs que não seguem os preceitos de deus, e colocando, por vezes, em sofrimento identidades que possuem os dois quereres: o exercício da sexualidade e da espiritualidade/religiosidade, sem que sejam, mais uma vez, julgadxs. Há também a presença daquelxs que acreditam na bondade do “supremo”, acreditando que sua bonança acoberta e atesta também suas decisões, como é o caso de AB.

“Eu acho que não, porque se nós nascemos, se nós estamos aqui, todo mundo é filho dele. Eu acho que se tá aqui, se eu to aqui dessa maneira, desse jeito, é porque ele quis assim. Eu acho que se ele não quisesse assim eu não teria nem nascido ou então eu teria nascido mesmo uma mulher heterossexual normal, um homem heterossexual normal. Eu acho que se eu vim assim trans é porque ele quis desse jeito.” (AB)

A crença no supremo como suporte do processo transexualizador:

Indagados sobre o pedido de auxílio do supremo/altíssimo/divino/deus num momento de sofrimento intenso para maioria das identidades trans, o processo transexualizador, xs entrevistadxs relatam ter buscado forças para transpor tal barreira junto à divindade.

“Pedi. Deus tá em primeiro lugar na minha vida. Porque eu acho que, eu sempre penso que sozinha: eu não sou capaz, sabe? Graças a deus tenho o apoio total, geral, de toda a minha família, nunca tive intrigas e discussões com ninguém. Mas assunto de deus pra mim é essencial. Eu tenho amigos que dizem ser ateus, e eu não sei como é que eles vivem. Eles falam que são ateus, mas vivem com aquela palavra na boca “meu deus, ai meu deus”. Eu acho que deus é essencial e agente tem que colocar em primeiro lugar e acreditar e ter fé que tudo se ajeita, tudo dá certo, e, é isso.” (J)

“Sim, porque ninguém quer sofrer transfobia, né? Ninguém quer sofrer preconceito. Eu lutei ao máximo pra tentar me encaixar na sociedade, só que eu não consegui, porque isso acabou com o meu psicológico, acabou comigo por dentro, então eu taquei o foda-se pra isso tudo. Eu pedia, porque ia ser mais fácil ainda se eu não fosse trans, se eu fosse uma pessoa normal. Normal, assim, pra eles. Porque normal eu sou, só que eles dizem que não.” (N)

Parece ser nato ao ser humano a busca de um poderio sacro que proporcione, além de conforto e completude, ordem e significado e inúmeros momentos da vida. A religião e a fé, desta forma, servem de refúgio àquelxs que sofrem, de um oásis que transborde a cura e a salvação (TEIXEIRA *et al*, 2010, p.124). Parece ser esta a grande proposta da fé: um elixir que tranquilize o espírito, mas que o torne um buscador constante, dada a incompletude da vida humana.

Sobre a crença em deus:

Durante as entrevistas, este foi o único questionamento o qual se sentiu a necessidade de ser elaborado para com todxs xs participantes: Que é deus? Na sequência, seguem as respostas de todxs xs entrevistadxs:

“Eu acredito que deus, pra mim, é um ser de luz, assim, que na umbanda eles chamam de Oxalá, que seria um ser de luz, de amor, que queira fazer o bem. Que por mais que o espírito passa aqui na terra por uma coisa ruim, ele vai ajudar a pessoa a ir evoluindo, a crescer mais. É nisso que eu acredito. Não sei como ele é, assim, não sei nem se é uma pessoa, pode até ser uma energia, mas eu acredito que existem forças acima de nós. [...] E eu comecei a sentir uma paz dentro de mim que antes eu não sentia. Por isso que eu acredito, eu acredito pelas coisas que eu vivo, não pelo que as pessoas me falam. Tipo, talvez se eu não visse, se eu não escutasse, se eu não sentisse, talvez eu nem acreditava, eu ia ser ateu. Mas como eu vejo, como eu sinto, e pelas experiências de vida que eu já passei, eu acredito.” (N)

“Mas acho que deus tá no coração da gente, tá na cabeça, nas boas atitudes com as pessoas, com o próximo. Eu acho que isso é o mais importante, acho que religião, frequentar uma igreja, é só um complemento.” (AB)

“É algo, uma força maior que te protege, que você tem que... Por que, gente, o que sou eu aqui nesse lugar, se não tivesse algo maior? É algo grandioso, sei lá.” (MS)

“É uma força superior, que eu acho que tá sempre disposto a ajudar, a olhar pra nós, a sentir as nossas necessidades e fazer com que a gente enfrente os obstáculos que a vida nos coloca de cabeça erguida, me dá forças assim, sabe?” (J)

Retornando à episteme do conceito de religião, ato de religar, de ligar com algo, a marca de deus e do divino apresenta-se de inúmeras maneiras. Todas elas, contudo, com a marca de preceitos morais e ético, porém subjetivos, que atrelam à esta força divina um aspecto de confiabilidade irrestrita. Cury aborda este processo e marca da religação:

“Para uns, a religação é um retorno ampliado a uma comunhão cósmica e telúrica. Para outros, o surgimento da vida, o encantamento com o céu estrelado e com a consciência interior de cada qual inspiram postular a passagem do universo terreno ao universo da transcendência, ou, em outros termos, no encontro do outro com o Outro. Esta passagem – para uns, uma questão de argumento lógico, para outros, um salto na fé – significou o aparecimento de múltiplas modalidades de expressar a religação do homem com o Transcendente. Ao mesmo tempo, tal religação foi a oportunidade para

que muitos também expressassem um humanismo radical no âmbito exclusivo da terrenalidade e da temporalidade.” (CURY, 2004, p.188)

Desta feita, a crença no divino, tanto quanto as identidades entrevistadas nesta pesquisa, são singulares, e dizem respeito às concepções e crenças particulares de cada uma e cada um. São, de fato, padrões e operações que integram a formação integral das subjetividades, e que deve, acima de tudo, ser reconhecida e respeitada.

6. EDUCAÇÃO COMO A FONTE DAS DESCONSTRUÇÕES

Totalmente arraigada e amplamente culturalizada e normatizada de geração em geração numa sociedade machista como a atual, as violências contra as identidades desviantes, neste ensaio lidando com as transexuais, vêm numa vertente de crescimento substancial, haja vista que a visibilidade desta parcela da população tem sido evidenciada, mesmo que por sucesso de leituras negativas fundamentalistas.

Tal fenômeno de exposição – e utiliza-se aqui do termo fenômeno pelo fato do grande aparato midiático que a discussão vem recebendo, tratando de maneira errônea e, por vezes, pejorativa do tema – deveria ser precedido e embasado por leis e políticas públicas que resgatem e protejam os direitos das pessoas trans, assim como um amplo processo pedagógico de (re) educação da população quanto ao entendimento e respeito, integral, às diversidades.

A terminologia fenômeno pode também referir-se às práticas adotadas pelas religiões no que tange a interferência no campo da educação, em se tratando, primordialmente, do cenário político nacional, quando das votações dos Planos de Educação do último ano de 2015. À época, inúmeras denominações religiosas participaram, de maneira ativa, das discussões, impedindo que a diversidade de gênero fosse abordada e discutida dentro das escolas, com o apoio, inclusive, de parcela substancial da comunidade LGBTQI.

Neste momento, abre-se uma brecha para análise, visto que, num senso comum, seria um contrassenso o fato de identidades que sofrem violências, mesmo que simbólicas, por parte do fundamentalismo religioso, estarem apoiando seus posicionamentos perante as discussões de diversidade de gênero. Entretanto, Santos realiza uma leitura sobre tal conflito:

“À medida em que a esfera pública encolhe – e, em resultado disto, mais e mais dimensões da vida coletiva são despolitizadas, a esfera privada no fundamento da autonomia política do indivíduo, expande-se simbólica e materialmente. A religião emerge como uma das características (e um dos motores) princípios desta expansão. A fragilização das redes de confiança criadas pelo Estado Providência torna o indivíduo vulnerável ao medo, à insegurança e à perda de esperança.” (SANTOS, p.103)

Emerge aí a latente necessidade de uma leitura desconstrutiva acerca deste poderio que as igrejas construíram sobre pessoas, identidades e corpos, aproveitando-se de suas faltas e mazelas, bem como de falhas do Estado. É histórico o processo de atravessamento das

religiões no sistema educacional, visto o potencial que o mesmo oferece, pelo fato de ser *locus* de interação social e formação de pensamento crítico:

“A priorização do fundamentalismo cristão no recorte de grupos religiosos parece ser importante para nosso contexto brasileiro contemporâneo. Como veremos, a ascensão conservadora no Brasil que prejudica as lutas públicas feministas apoia-se, em grande medida, em discursos fundamentalistas bíblicos, em uma linguagem cristã tradicional e interdominical que aponta para as questões de gênero como ponto de encontro de setores religiosos em oposição a outras esferas. Além disso, seguindo ainda a sugestão da Comissão Nacional da Verdade, as igrejas cristãs possuem um papel destacado “como componente histórico, social e político da realidade brasileira”. (SILVA, 2015, p.43)

O fundamentalismo religioso opera mercadologicamente, agindo sobre as necessidades humanas, “vendendo” a conquista do monopólio da verdade divina. Não deve ser desconsiderada esta “lógica da concorrência e arrebanhamento do número maior possível de pessoas com a mais eficaz acumulação de dinheiro líquido possível.” (BOFF, 2015).

Assim sendo, o poder de convencimento sobre as pessoas sobre o “falar” em nome de deus é exitoso. A espiritualidade e a ignorância são exploradas para manipulação política e econômica, fundamentadas num processo histórico de domínio destes grupos, que foram ativos no processo de formação do país, bem como da constituição de inúmeras identidades e normatizações discursivas (FOUCAULT, 2014). Para Preciado (*apud* CIDADE & MATTOS, 2016, p.147): “A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos”.

Parte daí o interesse que as religiões possuem em operarem junto do sistema educacional, sendo que reconhecem na educação um local de poder onde “o regulamento meticuloso que rege sua vida interior, as diferentes atividades aí organizadas, os diversos personagens que aí vivem e se encontram, cada um com uma função, um lugar, um rosto bem definido – tudo isto constitui um “bloco” de capacidade – comunicação - poder.” (FOUCAULT, 2004, p. 241)

Esta (re) organização e (re) estrutura escolar não se trata apenas de um movimento voltado à celebrar uma nova perspectiva científica que celebre as transexualidades, mas de um movimento que respeite aos direitos humanos, à criação e fomentação do senso crítico – principal papel à ser desenvolvido no ambiente escolar – pautado na realidade das diversidades como acontecimentos múltiplos que ampliam, em muito, as leituras engessadas

que se realizam, historicamente, sobre a sociedade e sobre as condições de existência e vivência humana, reafirmando “a necessidade de problematizar os movimentos curriculares, à medida que eles são parte dos dispositivos pelos os quais a escola executa a formação de seus sujeito.”(CAETANO, 2013, p.67).

Através de tal perspectiva, a superação de dicotomias e binarizações que violentam inúmeras pessoas em seus reconhecimentos enquanto indivíduo social deve favorecer a leitura das singularidades e de tais multiplicidades das diversas constituições identitárias, que inclusive devem perpassar, em muito, o campo do gênero (CIDADE & MATTOS, 2016, p.150), mas abarcar todos os (re) conhecimentos das sexualidades.

As grades curriculares não só sistematizam e organizam conhecimento e habilitações universais a serem transmitidos na escola e aprendidos pelxs alunxs, mas também tem o caráter produtor e universalizador das culturas, signos, histórias, incluindo aí, também, as corporalidades, gêneros e identidades (CAETANO, 2013, p.67). A padronização e engessamento do currículo escolar, servindo à um sistema heteronormativo embebido do fundamentalismo religioso, cria estereótipos acerca das identidades sexuais “diferentes”, impedindo com que inúmeros indivíduos expressem, de maneira saudável, sua sexualidade (MUSSKOPF *apud* MARTINS, 2014, p.1596), quando na realidade sua seara deve ser o do campo das desconstruções.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por uma postura além de acadêmica, mas também de militância, peço licença para redigir tais considerações na primeira pessoa, haja vista que não encontro outro meio de expressar os sentimentos e análise desta luta da qual faço parte o qual não seja este.

Desde a concepção temos nossas vivências e existências pré-definidas por uma sociedade que não nos (re) conhece, e já neste ato iniciam os primeiros simbolismos de violência que estarão por vir em nossa jornada neste mundo/plano/terra. Irrisório, porém pertinente, poderia ser pensar que nosso próprio nome, algo que nos identificará perante a sociedade por toda a vida, não é escolha de direito nosso.

Entretanto, o fato é que somos lançados neste sistema, e dele somos embebedos por toda uma existência, naturalizando a normatizando expressões, maneiras e modos de agir, e ainda o reproduzimos através da comunicabilidade da qual somos dotados. Sexualidade e espiritualidade são pilares presentes que embasam a subjetividade de todas as “criaturas” que existem e resistem no mundo.

Exitoso é comprovar, ao final deste ensaio, aquilo que pré-concebia e me levou a escrever sobre este tema; acreditamos em nossas singularidades, lutamos para expressá-las e poder, delas, deter o poder e a governabilidade, entretanto sofremos e vivenciamos as faltas que o sistema vigente quer que sintamos.

Buscamos algo, alguém, alguma coisa, que conforte esta dor, a dor de não saber direito quem somos, porque somos, de onde viemos, porque assim a sociedade quis e quer que nos sintamos, desnaturalizados e invisibilizados, oriundos de um “não-lugar”, tornando-nos um “não-ser”, e então deixamos com que este fenômeno, que ainda busca inúmeras tentativas científicas de análise, falar mais alto: a crença no “divino”.

A religião, por sua vez, detentora da comunicação direta com a superioridade maior, opera através das construções machistas, patriarcais e heteronormativas, para nos patologizar, endemonizar, e assim, violentar diretamente, propagando o discurso biologicista que torna todas as identidades desviantes da normalidade como doentes, errantes, inexistentes.

É emergente que a educação note a existência concreta de todas estas identidades, note a integralidade com que queremos nos portar no convívio social, e, de fato, cumpra seu papel, da formação de senso crítico baseado no respeito à todas as diversidades. Somente a via educativa pode desconstruir este processo histórico cultural, que mata milhares de identidades LGBTQI no mundo todos os anos, e proporcionar que, com nossas crenças, valores, desejos, possamos, de fato, existir, sendo aquilo que queremos ser.

Não queremos nos encaixar. Não queremos nos enquadrar. E é passada a hora de termos nossos corpos manchados de sangue, por querer ser, independente do que for.

“Eu acho que, na verdade, eu não tenho crença é nenhuma. (Risos) Ta vendo como de uma coisa eu pulei pra outra? E ai, me encaixei aonde? Eu acho que na verdade eu não me encaixo.” (MS)

Encerro com lágrimas nos olhos, mas com a sensação de mais uma etapa de luta cumprida. Seguiremos juntos, sempre, nas trincheiras, nas lutas, por um mundo onde o amor e respeito mútuo imperem!

Ah, eu acho que dá pra usar a palavra amor, é muito... É algo assim, mais ou menos. Porque, tu ficas pensando, eu acho que tu sentes um negócio tão fora, tão puro, ao mesmo tempo, que tem essa característica. Uma loucura. Não sei se to falando certo, mas acredito que seja. (MS)

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria L. de A. MARTINS, Maria H. P. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. Ed. Moderna, 1ª Ed. São Paulo: 2003.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Ed. Nova Fronteira, 2ª Ed. Rio de Janeiro: 2009.
- BENTO, Berenice. PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do Gênero: A Politização das Identidades Abjetas**. Revista Estudos Feministas, V.20, nº. 2. Florianópolis, 2012.
- BOFF, Leonardo. **Deus esta sendo usado para encobrir lavagem de dinheiro público**. Diário do Centro do Mundo: 2015. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/deus-esta-sendo-usado-para-encobrir-lavagem-de-dinheiro-publico-artigo-de-leonardo-boff/>. Acessado em 24 de outubro de 2016.
- BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Editora BestBolso, 2ªed. Rio de Janeiro: 2014.
- BUTLER, Judith. **Diagnosticando o Gênero**. Physis Revista de Saúde Coletiva, V.19, nº. 1. Rio de Janeiro, 2009.
- CAETANO, Márcio. **Movimentos Curriculares e a Construção da Heteronormatividade** In: BENTO, Maria A. S. C. RODRIGUES, Alexsandro. Currículos, Gêneros e Sexualidades – Experiências Misturadas e Compartilhadas. 63-82. 1ª Ed. EDUFES – Editora da Universidade do Espírito Santo: Vitória, 2013.
- CIDADE, Maria L. R. Mattos, Amana Rocha. **Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo**. Periódicus. Nº.5, vol. I, maio-out, 2016.
- COLTRO, Alex. **A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade**. Caderno de Pesquisas em Administração. V.1, nº11, 1ºTRIM. São Paulo: 2000.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ensino religioso na escola pública: o retorno a uma polêmica corrente**. Revista Brasileira de Educação; nº. 27, set-dez, 2004.

FERREIRA, Luciana da Silva Mendes. **Entre a Fenomenologia e a Hermenêutica: Uma Perspectiva em Psicoterapia**. Revista Abordagem Gestáltica. V.15, jul-dez, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade: a vontade de saber**. Editora Paz & Terra, 1ªed. São Paulo: 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 19ª Ed. Graal. Rio de Janeiro: 2004.

LACAN, J. **O Seminário Livro 20, “mais ainda”** – 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1989.

LACAN, J. **O Discurso Capitalista** – Discurso na Universidade de Milão em 12 de maio de 1972. Publicado na Revista: Lacan na Itália. Paris, 1978.

LIMA, Rita de Lourdes. **Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões**. Revista Em Pauta, V.9, nº. 28. Rio de Janeiro, 2011.

MARTINS, Paulo Adroir Magalhães. **Reflexos Jurídicos, Midiáticos e Religiosos da Transexualidade**. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST, V.2. São Leopoldo, 2014.

NATIVIDADE, Marcelo. **Homossexualidade, Gênero e Cura em Perspectivas Pastorais Evangélicas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, V.21, nº. 61, junho, 2006.

PERES, Julio F. P. SIMÃO, Manoel J. P. NASELLO, Antonia G. **Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia**. Revista Psiquiatria Clínica. 34, supl 1; 136-145, 2007.

PRADO, Marco A. M. TENÓRIO, Leonardo F. P. **As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de parâmetro**. Periódicus. Nº.5, vol. I, maio-out, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos**. Ed. Cortez, 2ªed. São Paulo: 2013.

TEXEIRA, Leônia C. CAVALCANTE, Maitê M. BARREIRA, Karine S. AGUIAR, Aline C. GONÇALVES, Shirley D. AQUINO, Elissandra de C. **O Corpo em Estado de Graça: Ex-Votos, Testemunho e Subjetividade**. Revista Psicologia & Sociedade; 22 (1): 121-129, 2010.